

Lagosta sai ⁴⁰ do cardápio presidencial

PETRÓPOLIS, RJ — Nada de camarão ou lagosta no almoço em homenagem ao presidente Fernando Henrique Cardoso organizado pela Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan). Afinal, é época de reprodução destas espécies e nada seria mais ecologicamente catastrófico que uma gafe dessas. Até nisso o cerimonial da Firjan pensou ao organizar o grande banquete para 600 empresários, secretários de estado, prefeitos e parlamentares no Palácio Quitandinha, um hotel que teve seu auge na década de 40, com um cassino, e hoje é um condomínio fechado.

A recomendação sobre o mau gosto de usar lagostas e camarões foi feita diretamente ao responsável pelo bufê, Demar de Melo, e o presidente almoçou bacalhau desfiado com batata e azeitona, salada de figo com aspargos e trouxe-

nhas de marrão glacê. De sobremesa, torta merengue de chocolate.

Discursos — Enquanto o presidente não chegava, o ex-ministro Eliezer Batista apresentava seu estudo de viabilidade econômica do Rio a uma multidão de empresários no auditório do Quitandinha. O entra-e-sai no palácio era intenso. O ex-ministro da Economia Marcílio Marques Moreira usou apenas uma frase para resumir o encontro dos empresários fluminenses com o presidente: “O negócio é: me dá um dinheiro aí”.

Aposentados que moram no Quitandinha esperavam o presidente chegar sentados em bancos, bem em frente à entrada principal. A mais sortuda foi Leônia Cantanhede, que deu um livro a Fernando Henrique e ganhou a atenção do presidente por alguns segundos, logo que ele chegou, às 13h10: “A autora do Real sou eu”, jurou Leônia. “Que bom”, disse o presidente, que seguiu seu caminho sem entender. Leônia explicou mais tarde: “Em 1992 mandei um poema para o ministro Fernando Henrique, sugerin-

do que trocasse o nome da moeda brasileira para Real. Ele me atendeu”, esclareceu.

Com a agenda atrasada, o presidente foi surpreendido por uma longa solenidade no auditório do Quitandinha. Eliezer Batista falou durante 25 minutos sobre as potencialidades do Rio, mostrou gráficos e tabelas sobre as carências em telecomunicações e as vantagens de se investir num porto como o de Sepetiba. Veç ou outra, o presidente virava para trás, para ver o telão com os gráficos. Houve mais dez minutos de discurso de Raphael de Almeida Magalhães, do Conselho Coordenador de Ações Federais no Rio, outros 15 do governador Marcelo Alencar e mais 15, finalmente, do presidente. Isso tudo antes do almoço. Depois do bacalhau, falou o presidente da Firjan. Às 15h30, o presidente já tinha ouvido, só em Petrópolis, quatro discursos, feito um e se preparava para uma maratona de audiências, coquetéis e jantar com 20 pessoas no Palácio Rio Negro, onde está hospedado. O dia estava apenas começando.